

## LUSOFONIA(S), IDENTIDADE E EXPRESSIVIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE PEDRAS

Thaís Cunha Pilôto Bitencourt<sup>1</sup>  
UNICSUL

### RESUMO

Este estudo propõe uma reflexão a respeito do conceito de *lusofonia*, bem como da construção da identidade por meio da palavra. Partimos da análise de dois poemas, a saber, *A educação pela pedra* (1966), do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, e *Ilha de Moçambique* (2007), do escritor moçambicano Mia Couto, para verificar, por meio das escolhas lexicais, especialmente o uso dos adjetivos, como o enunciador constrói a identidade de seu povo/nação na trama discursiva do poema, em que as escolhas lexicais se mostram expressivas à medida que permitem a construção da identidade do povo/nação. Em *A educação pela pedra*, a identidade do povo nordestino brasileiro é caracterizada pelo enunciador-poeta<sup>2</sup> por meio de suas escolhas e de uma linguagem concisa e objetiva. Em *Ilha de Moçambique*, a questão identitária moçambicana é vislumbrada pelo viés do fazer poético, o enunciador-poeta utiliza-se também da metáfora da pedra. Sendo o conceito de *lusofonia* um fator que permeia a construção da identidade e por se tratar de textos de dois poetas de língua portuguesa, nosso trabalho baseia-se nos estudos de Lopes, Bastos e Brito, sobre conceitos de *lusofonia* e identidade, assim como nos estudos estilísticos de Martins referentes à expressividade dos usos na materialidade linguística, os quais caracterizam o objeto do discurso do enunciador-poeta e contribuem para a construção da identidade.

**Palavras-chave:** Lusofonia. Identidade. Expressividade. Fazer poético.

### Palavras iniciais

O conceito de *lusofonia*, utilizado para designar os países de língua oficial portuguesa, tem sido amplamente discutido por teóricos, contudo, não há consenso entre eles. Pode-se dizer que isto se deve ao fato de o conceito de *lusofonia* estar incondicionalmente atrelado a outros conceitos, os quais excedem o campo linguístico, e que, ao tratarmos de *lusofonia*, são evocados, tais como, multiculturalismo, colonialismo português, geopolítica, identidade nacional, diversidade linguística, além das relações polêmicas entre os conservadores que tendem ao purismo da língua, e que a expõem como modelo de referência, em detrimento das demais realizações linguísticas, consideradas de caráter “exótico” ou de “desvio”, que seriam a dos povos colonizados. Conforme Fonseca (2013), a ideia de *lusofonia* é “contaminada” pela herança do passado colonial – a língua:

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: tcpbittencourt@hotmail.com

<sup>2</sup> Utilizamos *enunciador-poeta*, pelo fato de o enunciador dos poemas se colocar como poeta, distinguindo, desse modo, o enunciador do escritor empírico.

A existência de um passado colonial comum, cuja herança mais visível reside precisamente na língua, *contamina* de alguma forma a ideia de lusofonia [...] A língua do antigo centro imperial ativa a memória de relações de poder assimétricas, assim como de mecanismos de repressão identitária, concretizados em grande parte pela imposição de um sistema linguístico alheio aos povos subjugados. (FONSECA, 2013, ONLINE)

É consenso que incide, sobre o termo *lusofonia*, o passado histórico comum dos países colonizados, que agora resulta em traços linguísticos heterogêneos reunidos na chamada Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP, uma vez que cada país tem sua individualidade no uso da língua e busca cada vez mais a construção de uma identidade nacional que se afirma no uso da língua, apesar da diversidade linguística, como é o caso de Moçambique, em que há falantes de outras línguas além do português. Para Lopes (2013, p. 199),

a *lusofonia* é a formulação de uma ideia, um conceito transdisciplinar que julgo tratar melhor através da transdisciplina que é a Linguística Aplicada, que a esta se referiu James (1993). A Linguística Aplicada funciona como uma interface que se ocupa da terra de ninguém entre a planificação linguística, que é a teoria científica e a política linguística, que é a teoria indigenizada, ou seja, a teoria da prática. A lusofonia que, em minha opinião, é um conceito transdisciplinar, em construção, consta da agenda da Linguística Aplicada, que inclui os temas da custódia de língua, usos de língua, substituição, revitalização ou morte de uma língua, entre outros, temas-conceito estes essenciais, porque contíguos, para a reflexão sobre a lusofonia. (LOPES, 2013, p. 199)

Dessa maneira, na visão de Lopes, a lusofonia é um conceito “em construção”, isto é, poderíamos falar em *lusofonia(s)*, tendo em vista os diferentes pontos de vista em relação ao termo, sendo que alguns ultrapassam a esfera linguística, por isso não há consenso entre os teóricos, pois compreendem a *lusofonia* de formas diferentes. De acordo com Bastos e Brito (2011, p. 145),

[...] a Lusofonia é um espaço simbólico linguístico e, sobretudo, cultural no âmbito da língua portuguesa e das suas variedades que, no plano geosociopolítico, abarca os países que adotam o português como língua materna (Portugal e Brasil) e língua oficial (Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau – os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) – e Timor-Leste. No entanto, não se pode restringir a lusofonia ao que as fronteiras nacionais delimitam. Nesse modo de conceber a lusofonia, há que se considerar as muitas comunidades espalhadas pelo mundo (...). Essa síntese do mundo lusófono – que se procura reunir numa

noção de lusofonia – pretende conciliar diversidades e afinidades linguísticas e culturais com a unidade que estrutura o sistema linguístico do português. (BASTOS E DE BRITO, 2011, p. 145)

Nessa perspectiva, enfatizamos que, em termos de língua e literatura, as questões da língua também incidem sobre a literatura, que pode adquirir um cunho nacionalista, ou cumprir o papel de retratar a realidade de uma sociedade/nação, ou de retratar a construção da identidade de um povo/nação, sendo, portanto, um instrumento de expressão dessa identidade, como ocorre nos poemas que analisamos a seguir.

Nos países colonizados de língua oficial portuguesa, como por exemplo, o Brasil, a literatura busca em determinados momentos uma identidade nacional, não desligada do passado colonial, mas como fruto da transformação desse passado. Desse modo, podemos compreender a *lusofonia* como um espaço que se abre “à diferença e à pluralidade, relacionando língua, literatura e cultura, num espaço que historicamente é de partilha e convivência, mas também de subordinação e luta.” (FONSECA, 2014, ONLINE)

Por meio da análise dos poemas *A educação pela pedra* e *Ilha de Moçambique*, buscamos relacionar os conceitos de *lusofonia* e identidade, este último, frisamos, emerge das escolhas lexicais e de seus efeitos de sentido, que resultam na expressão de uma identidade nacional e do sentimento de pertencimento a um lugar situado geograficamente e linguisticamente, como indicia Fonseca (2014, ONLINE).

## **A didática pétrea**

### *A educação pela pedra*

O poema de João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*<sup>3</sup>, da obra que leva o mesmo título, foi publicado em 1966. Melo Neto, poeta brasileiro da geração de 45, é conhecido por fazer da linguagem seu objeto. Assim como em outros poemas da obra, no poema analisado, o enunciador expõe sua visão a respeito do nordeste brasileiro; sendo o povo nordestino por ele caracterizado por meio das escolhas lexicais, as quais permitem a construção de uma identidade “pétrea”, isto é, a condição identitária é retratada pela metáfora da pedra, em que o sertanejo assume suas características, por meio de uma linguagem concisa e objetiva, as “lições da pedra” são reveladas ao leitor.

---

<sup>3</sup> MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra*. In *Poemas para ler na escola*. (Seleção e apresentação Regina Zilberman). Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

### A educação pela Pedra

Uma educação pela pedra: por lições;  
Para aprender da pedra, frequentá-la;  
Captar sua voz inenfática, impessoal  
(pela de dicção ela começa as aulas).  
A lição de moral, sua resistência fria  
Ao que flui e a fluir, a ser maleada;  
A de poética, sua carnadura concreta;  
A de economia, seu adensar-se compacta:  
Lições da pedra (de fora para dentro,  
Cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão  
(de dentro para fora, e pré-didática).  
No Sertão a pedra não sabe lecionar,  
E se lecionasse, não ensinaria nada;  
Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,  
Uma pedra de nascença, entranha a alma.

Na primeira estrofe do poema, chama a atenção o uso dos adjetivos, os quais caracterizam “a educação pela pedra”. Pode-se dizer que a pedra, aqui, funciona como uma metáfora do Sertão, onde a aprendizagem do sertanejo se dá “por lições”, numa analogia ao ensino da língua: Para aprender da pedra, frequentá-la;/, “captando sua voz inenfática” e “impessoal”. No terceiro verso dessa estrofe, o uso dos adjetivos “inenfática” e “impessoal” caracterizam a voz da pedra – a professora, destacam-se os prefixos *in-* e *im-*, que conferem uma ideia de negação, que, vale dizer, percorre todo o poema.

Com a escolha do adjetivo “inenfática”, o enunciador confere a ideia de negação à ênfase da voz da pedra, o que seria uma voz inexpressiva. A escolha de “impessoal” também confere ideia de negação, isto é, a voz, desprovida de traços pessoais, passa a ser utilizada visando à objetividade da lição a ser aprendida – a dicção, remetendo ao ensino de língua: /(pela de dicção ela começa as aulas)/. O uso do substantivo “dicção” na oração entre parênteses ilustra visualmente o abafamento da voz, “inenfática”.

Por outro lado, o uso de “impessoal” também pode adquirir, no contexto do poema, a conotação de anonimato, como uma negação da pessoa, o que reforça essa noção é a ausência de marcas de primeira pessoa no texto, o enunciador mantém um distanciamento ao realizar escolhas que o apagam do enunciado.

Nos versos subsequentes, o enunciador expõe as “lições da pedra”. Na primeira lição: /A lição de moral, sua resistência fria/ Ao que flui e a fluir, a ser maleada;/; destaca-se o adjetivo “fria”, que caracteriza a “resistência”,

[...] a lição de moral abordada pelo poeta prega que, ao malear as palavras, deve-se se estóico à “verborreia” fácil, ao discurso prolixo e à sonoridade excessiva. Esta é uma lição de “moral” porque o poeta, quando resiste à tentação de “poetizar o poema”, age como um homem que friamente resiste aos [...] artifícios que apontam atalhos ludibriadores [...]. (COELHO, 2011, p. 81)

Na segunda lição da pedra: /A de poética, sua carnadura concreta;/; destaca-se o adjetivo “concreta”, que caracteriza a constituição física da pedra, remetendo ao campo semântico da solidez, concretude, daquilo que é palpável, real, não abstrato. Essa lição remete a uma didática do fazer poético *cabralino*, que privilegia o uso de adjetivos, substantivos e verbos concretos, a exemplo do substantivo “carnadura”, no qual, de acordo com Coelho (2011),

estão amalgamados os termos “carne”, que remete à matéria palpável (em oposição à alma, que é abstrata e intangível), e ainda, o sufixo “dura”, que remete à ideia de dureza, de solidez, juntamente com a palavra “concreta”, reiterando as qualidades da poética que o poeta concebe. (COELHO, 2011, p. 82)

A terceira lição: /A de economia, seu adensar-se compacta:/, em que a escolha de “adensar-se” e “compacta” remete à concisão da linguagem, característica da linguagem sertaneja: economia de palavras, utilização de elipses, orações reduzidas e vocabulário conciso, que resulta em um texto que ilustra, na prática, a realidade linguística sertaneja.

Os dois últimos versos da primeira estrofe: /Lições da pedra (de fora para dentro, Cartilha muda), para quem soletrá-la./ sintetizam a postura que se deve ter para “aprender da pedra”, “de fora para dentro”, observando-a. No último verso, chama à atenção a escolha do adjetivo “muda” em relação ao substantivo “cartilha”, pois confere a ideia de uma voz inaudível, o que antes era uma voz “inenfática” e “impessoal”, agora se torna “cartilha muda”, apontando para a impossibilidade da aprendizagem.

Na segunda estrofe, o enunciador discorre a respeito de uma/outra educação pela pedra: /no Sertão /(de dentro para fora, e pré-didática)./”; a utilização de parênteses reforça a noção de interioridade, enquanto o adjetivo composto “pré-didática”, confere um sentido de

anterioridade, seria algo que precede à didática, uma forma rudimentar de aprendizagem, isto é, a vivência do sertanejo, pois “o saber se atualiza no momento que se faz necessário aplicá-lo. É de dentro de si que o homem arranca as respostas que busca, da herança secular de sobrevivência estóica no meio arredio em que vive” (COELHO, 2011, p. 83).

Essa “outra educação” nega a eficácia da primeira, o que constitui um traço de ironia. A utilização do advérbio de negação “não” e do pronome “nada” reforça a ideia de ironia: /No Sertão a pedra **não** sabe lecionar, //E se lecionasse, **não** ensinaria **nada**; //Lá **não** se aprende a pedra: lá a pedra, //Uma pedra de nascença, entranha a alma./. Esse trecho (com grifos nossos) reforça a ideia de nulidade no Sertão, refletindo a problemática social pelo viés linguístico, ilustrando a aprendizagem que a pedra oferece ao sertanejo, “uma pedra de nascença”, uma vez que nasceu no Sertão, que lhe “entranha a alma”.

A condição de pedra, nesse sentido, também pode adquirir um sentido de obstrução, um empecilho para a aprendizagem, como nos versos do poema *Catar feijão*<sup>4</sup>: /a pedra dá à frase seu grão mais vivo:/ obstrui a leitura fluviente, flutual,./

As estrofes do poema *A educação pela pedra* se opõem – educação e não-educação –, enquanto a primeira propõe lições, a segunda nega a possibilidade de aprendizagem. Assim como a ideia de construção *versus* a ruína, a pedra poderia ser utilizada tanto em uma edificação, quanto ser o que restou dela.

Pensando a linguagem como constitutiva da identidade do sertanejo, pode-se dizer que é caracterizada no poema pela impessoalidade, objetividade, concisão, resultando num efeito de sentido que toma o viés da nulidade, do apagamento da pessoa. A pedra que não sabe ensinar, porque não aprendeu antes, “entranha a alma do sertanejo”, eis aí o único modo pelo qual se poderia aprender seus ensinamentos, pela vivência no Sertão.

### *Ilha de Moçambique*

O poema *Ilha de Moçambique*<sup>5</sup>, do escritor moçambicano Mia Couto, foi publicado na obra poética *Idades cidades divindades* (2007). Nele, o enunciador-poeta trata da identidade moçambicana pelo viés do fazer poético. Assim como em *A educação pela pedra*, de João Cabral de Melo Neto, no poema de Mia Couto há também a metáfora da pedra.

---

<sup>4</sup> Do livro *A educação pela pedra* (1966).

<sup>5</sup> COUTO, M. *Ilha de Moçambique*. In COUTO, M. *Idades cidades divindades*. Lisboa: Caminho, 2007.

### **Ilha de Moçambique**

Não é a pedra.  
O que me fascina  
é o que a pedra diz.

A voz cristalizada,  
o segredo da rocha rumo ao pó.

E escutar a multidão  
de empedernidos seres  
que a meu pé se vão afeiçoando.

A pedra grávida  
a pedra solteira,  
a que canta, na solidão,  
o destino de ser ilha.  
O poeta quer escrever

a voz na pedra.  
Mas a vida de suas mãos migra  
e levanta voo na palavra.

Uns dizem: na pedra nasceu uma figueira.

Eu digo: na figueira nasceu uma pedra.

Na primeira estrofe, o enunciador afirma que seu fascínio é pelo dizer da pedra e não pela pedra em si. A pedra pode ser compreendida como metáfora do povo da Ilha de Moçambique, contudo, é um povo cuja voz é “cristalizada”; o uso desse adjetivo na segunda estrofe, no contexto do poema, pode adquirir o sentido de voz paralisada, que não evolui. O verso: /o segredo da rocha rumo ao pó./; ilustra uma voz que será reduzida à condição de “pó”, isto é, como um ciclo, em que a degradação da matéria de que a voz é feita (rocha), terminará no pó, na morte.

Na terceira estrofe, o enunciador-poeta continua discorrendo a respeito de seu fascínio: /E escutar a multidão/ de empedernidos seres/ que a meu pé se vão afeiçoando./. Pode-se dizer que os substantivos “multidão” e “seres” são utilizados quanto à população de Moçambique. O uso do adjetivo “empedernidos” em relação ao substantivo “seres”, no primeiro verso dessa estrofe, adquire, no contexto, um sentido de seres petrificados, estáticos, que não evoluem, mas que “se vão afeiçoando” ao pé do poeta, isto é, ao rés do chão, do pó, nasce a identidade e a afeição dos seres para com seus semelhantes.

Na quarta estrofe, o enunciador-poeta faz menção aos “empedernidos seres”, cujo destino é “ser ilha”, e estarem isolados do resto do mundo: /A pedra grávida/ a pedra solteira,/ a que canta, na solidão,/ o destino de ser ilha./ O poeta quer escrever./. A noção de isolamento é reforçada com uso dos substantivos “solidão” e “ilha” no terceiro verso.

O poeta quer registrar a voz da diversidade moçambicana, descrita na figura feminina, que ilustra a Ilha de Moçambique como nação solitária, “multidão empedernida”, cuja voz pétrea “canta na solidão o destino de ser ilha”. Esse trecho soa como um lamento do poeta, que enfatiza o desejo de “escrever essa voz na pedra”, para que ela fique marcada e não se apague na solidão, o que pode ilustrar a afirmação da identidade nacional em face da ameaça do apagamento.

No segundo e terceiro versos da quinta estrofe, o enunciador relata um impedimento para a concretização de seu desejo: /Mas a vida de suas mãos migra/ e levanta voo na palavra./. Conforme Caldas (2012), a pedra:

em sua faceta potencialmente fértil (*pedra grávida*) ou em seu canto solitário (*pedra solteira*), ela concentra o desejo de solidez e de fixação de raízes do eu poético. Traduz, ainda, o desejo de permanência (*o poeta quer escrever a voz na pedra*), embora ele reconheça tal impossibilidade, dado o caráter volátil da palavra, que alça voo em seu canto. (CALDAS, 2012, p. 26)

Os dois últimos versos do poema retomam a ideia da fertilidade da “pedra grávida”:  
/Uns dizem: na pedra nasceu uma figueira./ Eu digo: na figueira nasceu uma pedra./; nesses versos, a ideia da pedra, como fruto da figueira, surpreende o leitor e reafirma a questão identitária moçambicana. Para Caldas (2012), há uma

[...] subversão das expectativas e dos lugares-comuns: enquanto todos veem na pedra apenas a aridez e festejam a vida que irrompe, surpreendente, “uns dizem: na pedra nasceu uma figueira”, o poeta vê nela uma nova vida que surge, o potencial de transformação de onde menos se espera: “eu digo: na figueira nasceu uma pedra”. Na diversidade de olhares e na negação do senso-comum, novas formas se criam. (CALDAS, 2012, p. 26)

### **Pedras que dialogam entre si: palavras finais**

Pode-se afirmar que os dois poemas analisados dialogam entre si à medida que se utilizam da metáfora da pedra para ilustrar a condição identitária. Enquanto no poema de

Melo Neto a voz da pedra é obstruída, “inenfática” e “impessoal”; no poema de Mia Couto, a pedra tem uma voz “cristalizada”.

Tais caracterizações nos levam de volta à reflexão a respeito do conceito de *lusofonia*, que pudemos perceber, está intrinsecamente ligado à questão identitária.

Vimos que os dois poemas refletem uma condição de nulidade, negação e involução da identidade linguística e podem retratar um contexto linguístico particular do nordeste brasileiro, bem como de Moçambique, que busca, ainda hoje, por uma identidade linguística do português moçambicano.

Já o Brasil, de João Cabral de Melo Neto, parece ter alcançado, em certa medida e de certo modo, em alguns lugares, o *status* linguístico identitário de um português brasileiro, todavia, em se tratando do nordeste brasileiro, esse *status* ainda constitui uma realidade um tanto distante, sendo o poema *A educação pela pedra*, bastante representativo da realidade sertaneja. Conforme Mia Couto (2014, ONLINE), em entrevista à Época:

O português é uma língua viva, não porque ela seja especialmente diferente. Mas ela viveu essa coisa que se chama Brasil. Vive a África que está se apropriando dela com cinco países africanos que o fazem de modo diverso. É evidente que é preciso um cuidado para que a língua continue com uma identidade e um fundamento. As diferenças do português em vários países não são sentidas como um problema. Salvo alguns intelectuais conservadores do Brasil e de Portugal, que têm um certo gosto de se apropriar da pureza da língua. De resto, existe nos países lusófonos até um gosto de visitar essas diferenças. O que está acontecendo de forma inelutável é que a variante brasileira será dominante. O português do Brasil vai dominar. (COUTO citado por GIRON, 2014, ONLINE)

As realidades de brasileiros e moçambicanos se entrecruzam na metáfora da pedra, que deixa ver resquícios da herança colonial portuguesa, que legou aos povos colonizados as relações de poder, no que concerne às questões da língua e, conseqüentemente, a condição de pedra, que ainda luta para aprender suas lições de dicção, moral e economia. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se um movimento de partilha, para uma condição heterogênea, no que diz respeito não só à língua, como também à cultura. Tomando como empréstimo as palavras de Mia Couto, “é necessário construir pontes que ultrapassem fronteiras”.

## Referências

BASTOS, N. B.; BRITO, R. H. P. Mia Couto: “Somando colorações” no vocabulário da lusofonia. *Matraga* [Revista de Estudos Linguísticos e Literários] v.18, n. 28, pp. 143-57, 2011.

CALDAS, T. A. S. A autorreflexividade em Mia Couto. *Anais do Cadernos do CNLF*, Vol. XVI, n. 04, Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf) Acesso em: 30.nov 2015.

COELHO, C. *Memória e metapoesia em João Cabral de Melo Neto e Carlos de Oliveira*. São Paulo. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

COUTO, M. Ilha de Moçambique. In COUTO, M. *Idades cidades divindades*. Lisboa: Caminho, 2007.

FONSECA, A. M. Em português nos entendemos? Lusofonia, literatura-mundo e as derivas da escrita. *Configurações* [Online], 12, 2013 (27.out 2014). Disponível em: <http://configuracoes.revues.org/2041> Acesso em 11.nov 2015.

GIRON, L. A. Mia Couto: “O português do Brasil vai dominar”. *Época*. 18/04/2014 às 10h00. Disponível em: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/04/bmia-couto-o-portugues-do-brasil-vai-dominar.html> Acesso em: 08.nov 2016 às 22h15min.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. São Paulo: Objetiva, 2009.

LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOPES, A. J. *Política Linguística: Terra de Ninguém, Terra de Todos* (Notas a partir de um Posto de Observação Moçambicano). Comunicação plenária convidada à Conferência Internacional “Interfaces da Lusofonia — Políticas de Língua no Espaço Lusófono”, Universidade do Minho, Braga, 4-6 de Julho de 2013. Disponível em: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/2202/2119](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2202/2119) Acesso em: 20.nov 2015 às 19h52min.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.

MELO NETO, J. C. A educação pela pedra. In *Poemas para ler na escola*. (Seleção e apresentação Regina Zilberman). Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

## **LUSOPHONE DIVERSITY, IDENTITY AND EXPRESSIVITY: A DIALOGUE BETWEEN STONES**

### **ABSTRACT**

*This study proposes a reflection on the concept of lusophony, as well as the construction of identity through the word. We begin with the analysis of two poems, namely, *The Education for the Stone* (1966), by the Brazilian poet João Cabral de Melo Neto, and *Ilha de Moçambique* (2007) by Mozambican writer Mia Couto to verify, through lexical choices, especially in the use of adjectives, as the enunciator constructs the identity of his people / nation in the discursive plot of the poem, in which the lexical choices are expressive as they allow the construction of the identity of the people / nation. In education through stone, the identity of the Brazilian Northeastern people is characterized by the enunciator-poet through their choices and a concise and objective language. In *Ilha de Moçambique*, the Mozambican identity question is glimpsed by the bias of poetic work, the enunciator-poet also uses the metaphor of the stone. Since the concept of lusophony is a factor that permeates the construction of identity and because it deals with the texts of two Portuguese-speaking poets, our work is based on the studies of Lopes, Bastos and Brito, on concepts of lusophony and identity, as well as Martins' stylistic studies concerning the expressiveness of uses in linguistic materiality, which characterize the object of the speech of the enunciator-poet and contribute to the construction of identity.*

**Key words:** Lusophony. Identity. Expressivity. Poetic work.

**Envio: Novembro/2016**

**Aceito para publicação: Novembro/2016**

VERBUM - CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO - ISSN 2316-3267, V. 6, N. 1 (Dossiê: Lusofonia)